

Por que os índios estão fugindo.

Em São Paulo há muitos índios, em Parelheiros e M'Boy Mirim, que vieram para cá abandonando os postos da FUNAI. Os índios dizem que fogem dos postos porque a FUNAI não os trata bem. Mas a FUNAI diz que os índios não fogem, que estão em São Paulo obedecendo ao seu instinto nômade, que os faz viajar.

Os índios estão ganhando uma estrada. Isso é bom para eles?

Que efeito terá, junto aos índios, a rodovia Cuiabá-Santarém, que cortará 80 quilômetros do Parque Nacional do Xingu? Para o professor Roque Laraia, coordenador do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, e professor de Antropologia, o ideal seria que a

rodovia obedecesse seu traçado inicial (pelo seu primeiro projeto ela não passaria pelo Parque). "Isso daria maior tempo para uma integração lenta e racional do índio. Não entendo o que algumas autoridades e alguns leigos definem como política isolacionista, pois

todos os antropólogos consideram bastante válida a política traçada pelo general Rondon — não aquele que fez, recentemente, uma conferência no Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, mas sim o que foi herói da integração nacional."



Em Parelheiros, os índios conheceram o padre José, que passou a ajudá-los. O padre conta que os índios guaranis gostam muito de viajar, e que muitas vezes eles desaparecem por vários dias. Quando voltam não contam onde foram nem o que fizeram. Muitos deles dizem que só não voltam para um lugar: o posto da FUNAI, no Paraná.

O nome índio de Olegário é Tupã, o mesmo do deus de seus avós. Quando ele nasceu, seus pais deram-lhe esse nome para que os índios guaranis não esquecessem de que são descendentes de Tupã, deus. Isso é muito importante, porque explica as fugas dos índios guaranis do posto da FUNAI em Mangueirinha, no Paraná.

— Nós também somos gente, índio é filho de Deus — explica o índio Jatchucá. — E gente precisa viver.

Viver, dizem os índios guaranis, é muito difícil no posto da Mangueirinha. Eles se queixam de que quase não recebem roupas da FUNAI e a única comida que lhes dão é feijão, quase sempre estragado, e quirela de milho. Assim eles adoecem com facilidade, e como há dificuldade para conseguir remédios, é quase certa a morte do índio quando ele adoecer.

A fuga

Em M'Boy Mirim estão alguns dos índios guaranis que fugiram do posto da FUNAI, em Mangueirinha, na semana passada. Tidiú, ou Pedro (nome de batismo) é um deles. Ele ficou sabendo que alguns parentes seus que vieram para São Paulo haviam sido presos — esse tipo de notícias falsas é bastante comum entre os índios — e veio para São Paulo ver o que estava acontecendo.

Pedro descobriu, em São Paulo, que seus parentes estavam todos bem, e já está decidido a voltar ao Paraná. Quem não pretende voltar é Diguaca. Quando veio para São Paulo pela primeira vez, Diguaca deixou duas espingardas e quatro foices guardadas com um parente, para usar quando voltasse a Mangueirinha.

Quando voltou, soube que suas armas e ferramentas haviam sido recolhidas pelos funcionários do posto da FUNAI, e desistiu de viver no Paraná. Diguaca acha que os brancos do posto da Mangueirinha exploram os índios, sem lhes dar nada em troca.

Há algum tempo — contou Diguaca — o padre Vitor, da cidade paranaense de Chopinzinho, mandou muitas roupas

e medicamentos para os índios da Mangueirinha. Como nos anos anteriores, os índios haviam se queixado de não receber roupas e mantimentos entregues pelo padre à FUNAI, padre Vitor encarregou um morador da cidade de Palmeirinha de fazer a divisão do material entre os guaranis.

Um funcionário da FUNAI ficou sabendo disso e devolveu ao padre Vitor todos os mantimentos que os moradores da cidade estavam entregando, aos índios. Por causa disso os guaranis não receberam, no ano passado, leite em pó, agasalhos ou remédios que o padre costumava mandar todos os anos.

Depois disso Gumerindo resolveu sair da Mangueirinha. Primeiro ele foi para Itariri, no litoral paulista, onde deixou uma filha casada com outro índio guarani; depois veio para o São Paulo.

Com Gumerindo veio sua mãe Ichuruvá, a mais velha índia guarani de São Paulo. Ichuruvá tem 85 anos, nasceu quando ainda não existia o posto da Mangueirinha.

Onde viver?

É muito difícil para um índio viver, em qualquer lugar do Brasil; mas mesmo assim Jatchucá (seu nome cristão é Nivaldo) prefere morar em São Paulo, na pequena chácara que um missionário japonês cedeu aos índios guaranis, em Parelheiros.

Jatchucá nasceu no posto da Mangueirinha, há vinte e cinco anos. Quando veio para São Paulo, com seu pai Eduardo — o chefe Carai — e suas duas irmãs, Uiuá e Andeté, ele sentiu muitas saudades dos lugares e amigos que conhecera desde pequeno. Mas acabou se acostumando.

Hoje ele tem um relógio de pulso, botas de borracha e roupas. No frio, usa um blusão de malha e agasalhos velhos de lá. Planta abóboras, milho e feijão, faz arcos e flechas para vender na Praça da República, aos domingos, e com isso sempre ganha o dinheiro de que sua família precisa para comprar aquilo que não produz para sobreviver.

Jatchucá e seu pai Carai vieram para São Paulo há seis anos. Primeiro Carai veio apenas para passar, gostou da cidade e voltou para buscar a família. Depois dele vieram outros índios.

Há dois anos, quando padre José era vigário em Cipó, o bairro de Parelheiros onde mora Carai, soube de sua existência, eles já eram mais de 30 pessoas.

Alguns fiéis da igreja do padre José foram visitar os índios e encontraram três deles muito doentes, com febre alta, abandonados e sem remédios. Padre José tratou dos índios e tornou-se amigo deles, e quando foi transferido para M'Boy Mirim ofereceu parte das terras da sua paróquia, onde está sendo construído um colégio, para os índios morarem.

Acusações

Nestes dois anos padre José aprendeu muita coisa sobre os índios. Uma delas é que não se pode acreditar em tudo que eles falam sobre a FUNAI. Ele mesmo, padre José, já foi acusado por alguns índios de desviar mantimentos.

Os dois maiores centros de índios guaranis em São Paulo ficam em Parelheiros e M'Boy Mirim, mas existem índios também em outros lugares. Eles podem ser encontrados, por exemplo, sob as pontes do Socorro e do Jurubatuba, ou em barracos nas margens do rio Pinheiros.

Além deles passam o dia mendigando, dormindo sob as pontes e bebendo a cachaça que podem comprar ou que os moradores dos outros barracos lhes oferecem. Vestem-se de farrapos e perambulam pelos bairros próximos a Santo Amaro.

Há um índio guarani que ninguém sabe onde está. É Gabriel, de 20 anos de idade, filho de Olegário, o Tupã. Um dia, há dois meses, Gabriel saiu de Parelheiros para ir ao Ceasa com alguns rapazes índios. No meio do caminho ele perdeu os amigos de vista e nunca mais voltou para casa.

Como não sabem onde está Gabriel, assim também os índios guaranis nunca sabem onde estarão dentro de uma se-

mana. A qualquer hora pode dar-lhes vontade de viajar, e eles vão embora.

Padre José lembra-se de um casal índio que queria emigrar. Mas a mulher estava levemente doente e foi preciso levá-la ao hospital, onde os médicos descobriram que ela estava com verminose. Como a índia estava muito fraca, e não era possível iniciar o tratamento imediatamente, os médicos fizeram-lhe uma transfusão de sangue e marcaram outra consulta para alguns dias mais tarde, quando iriam começar o tratamento médico propriamente dito.

No dia seguinte à transfusão de sangue a mulher sentiu-se melhor. Depois, quando o padre foi procurar o casal para levar a índia ao médico, descobriu que eles haviam partido. O marido achava que, se a mulher já recuperara parte de suas forças, era hora de ir embora.

Os guaranis

Mas existe um lugar para onde quase nenhum deles quer voltar: o posto da FUNAI em Mangueirinha. Além de não gostarem dos funcionários do posto, eles também não gostam de seu chefe, o índio Marçílio, que é acusado de não defender os direitos dos índios junto aos representantes da FUNAI.

Aproximadamente 400 índios guaranis e kayngangs vivem atualmente no posto de Mangueirinha, no Paraná. Os antropólogos da FUNAI dizem que não acreditam em fuga de índios do posto de Mangueirinha, e afirmam que, quando saem de lá, os índios vão apenas viajar.

Os guaranis têm espírito nômade — dizem —. O índio nunca foge do "habitat" dele, a não ser para visitar parentes em outras localidades. Nos postos indígenas não existe nenhuma penalidade para os índios que fogem, e esta é a política adotada pela FUNAI em todo o Brasil.

Atualmente, segundo a FUNAI, há índios guaranis espalhados por quatro estados: Paraná, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.



Gumerindo trouxe sua mãe



Jatchucá gosta de São Paulo